

Entre linhas e sensações: desenhando a cidade a partir dos sentidos

Between lines and sensations: drawing the
city from the senses

Entre líneas y sensaciones: dibujando la
ciudad desde los sentidos

Márcio Santos Lima (IFS-Brasil)¹

Cláudia de Medeiros Lima (IFBA-Brasil)²

Cássia Bomfim Moura (IFS-Brasil)³

¹ Professor Dr. em Artes, docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe - Campus Lagarto. Link Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2696323318828759> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7775-8504> E-mail: desenho.lima@ifs.edu.br

² Professora Dra. Educação, docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Camaçari. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/3577932189531748> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9914-0585> E-mail: clamed.lima@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe - Campus Lagarto. Link Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7866020607972262> ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1482-2773> E-mail: cassia.moura004@academico.ifs.edu.br

RESUMO

Este artigo investiga como a percepção urbana pode ser enriquecida por esboços feitos *in loco*, ampliando a experiência sensorial para além da visão e incluindo sentidos como olfato, tato e audição. Explora-se como o corpo humano capta o ambiente urbano e como as afecções influenciam o processo de desenhar. O objetivo é analisar como esses estímulos sensoriais impactam a criação de sketches de estudantes de Arquitetura e Urbanismo com a seguinte questão: Como a percepção sensorial influencia os esboços de desenhistas sobre a cidade? A pesquisa adota metodologia qualitativa, coletando depoimentos e sketches de estudantes em atividades de observação e desenho *in loco* e faz uma análise psicogeográfica dos dados. A fundamentação teórica se baseia em autores como Espinosa, que discute a influência dos afetos nos corpos, Baudelaire, com seu conceito de flâneur como observador urbano, e Juhani Pallasmaa, que enfatiza a importância dos sentidos na percepção arquitetônica, para compreender as interações entre corpo, cidade e a prática do desenho de locação.

PALAVRAS-CHAVE

Percepção Urbana; Desenho *in loco*; Arquitetura Sensorial; Corpo e Afetos; Desenho Sensível.

ABSTRACT

This article investigates how urban perception can be enriched by sketches made on site, expanding the sensory experience beyond vision and including senses such as smell, touch and hearing. It explores how the human body perceives the urban environment and how affections influence the drawing process. The objective is to analyze how these sensory stimuli impact the creation of sketches by Architecture and Urban Planning students with the following question: How does sensory perception influence designers' sketches of the city? The research adopts a qualitative methodology, collecting testimonies and sketches from students in observation and drawing activities on site and makes a psychogeographic analysis of the data. The theoretical foundation is based on authors such as Spinoza, who discusses the influence of affections on bodies, Baudelaire, with his concept of flâneur as urban observer, and Juhani Pallasmaa, who emphasizes the importance of the senses in architectural perception, to understand the interactions between body, city and the practice of location drawing.

KEY-WORDS

Urban Perception; In-loco Design; Sensory Architecture; Body and Affections; Sensitive Design.

RESUMEN

Este artículo investiga cómo la percepción urbana puede enriquecerse a partir de bocetos realizados en el lugar, ampliando la experiencia sensorial más allá de la visión e incluyendo sentidos como el olfato, el tacto y el oído. Explora cómo el cuerpo humano captura el entorno urbano y cómo las condiciones influyen en el proceso de dibujo. El objetivo es analizar cómo estos estímulos sensoriales impactan en la creación de bocetos por parte de los estudiantes de Arquitectura y Urbanismo con la siguiente pregunta: Cómo influye la percepción sensorial en los bocetos de los diseñadores sobre la ciudad? La investigación adopta una metodología cualitativa, recogiendo testimonios y bocetos de los estudiantes en actividades de observación y dibujo en sitio y realizando un análisis psicogeográfico de los datos. La fundamentación teórica se apoya en autores como Spinoza, quien discute la influencia de los afectos en los cuerpos, Baudelaire, con su concepto de flâneur como observador urbano, y Juhani Pallasmaa, quien enfatiza la importancia de los sentidos en la percepción arquitectónica, para comprender las interacciones entre cuerpo, ciudad y la práctica del diseño de locaciones.

PALABRAS-CLAVE

Percepción Urbana; Dibujo en sitio; Arquitectura Sensorial; Cuerpo y Afectos; Diseño Sensible.

Introdução

O termo perceber nos desperta uma profunda curiosidade, possivelmente por sua ligação íntima com os sentimentos. Este conceito está intrinsecamente ligado aos sentidos e à maneira como somos afetados pelos diversos corpos que nos cercam. Explorar a percepção nos oferece a oportunidade de vivenciar e refletir sobre nossa existência no mundo, revelando como cada encontro contribui para a nossa compreensão e experiência do espaço ao nosso redor.

A teoria da Gestalt, com seu foco em padrões e estruturas visuais, nos auxilia a entender a organização dos estímulos visuais e como os percebemos como um todo coerente. No entanto, para captar a complexidade da experiência perceptiva humana, é essencial considerar os sentidos e a forma como interagimos com o mundo ao nosso redor através de múltiplos canais sensoriais. Esta abordagem holística permite uma percepção mais rica e completa, indo além dos limites da visão e incorporando a totalidade das experiências sensoriais e emocionais, o que Bachelard chamaría de “polifonia dos sentidos” (Bachelard, 1988, p. 9).

No intuito de perceber a cidade a partir dos diversos sentidos humanos sem nos limitar ao campo visual, procuramos seguir por esse caminho teórico-metodológico. Para tanto, trazemos o pensamento do arquiteto Juhani Pallasmaa, o qual sugere que enquanto os demais sentidos aproximam o ser humano do mundo, a visão o afasta: “A hegemonia gradualmente obtida pelos olhos parece ter paralelo com o desenvolvimento da consciência do ego e o paulatino afastamento do indivíduo do mundo; a visão nos separa do mundo, enquanto os outros sentidos nos unem a ele” (Pallasmaa, 2011, p. 24).

O autor baseia-se na filosofia merleau-pontiana, que propõe uma visão corporificada, em contraste com a ideia cartesiana de um espectador fixo e externo. Segundo Merleau-Ponty, o corpo não é apenas um objeto entre outros, mas também um sujeito que vê e toca, sendo parte integrante do que ele descreve como a “carne do mundo”. O filósofo defendia que há uma relação osmótica entre a individualidade e o mundo, na qual ambos se interpenetram e se definem mutuamente.

Para Pallasmaa (2011, p. 20), Merleau-Ponty sublinhava a importância da simultaneidade e interação entre os sentidos, argumentando que a percepção não é simplesmente a soma de impressões visuais, táteis e auditivas, mas uma experiência total que envolve todo o ser e abrange uma estrutura única da coisa percebida, comunicando-se com todos os sentidos simultaneamente.

Nossa experiência no mundo é profundamente corporificada. Contemplamos, tocamos, ouvimos, medimos, percebemos e interagimos com ele através de todo o nosso corpo. Estamos sempre em interação com o ambiente, a ponto de não podermos separar nossa identidade do espaço que habitamos, como sintetiza o poeta Noël Aranud: “Sou o espaço onde estou” (Aranud apud Pallasmaa, 2013a, p. 125).

Optamos por utilizar a ideia espinozana de corpo neste trabalho, segundo a qual o conceito abrange tudo que ocupa espaço e possui materialidade, independentemente

de sua origem humana ou natural. Espinosa define corpo como qualquer entidade que tenha comprimento, largura e profundidade, e que seja delimitada por uma figura definida. Com base nesse entendimento, pretendemos explorar como a corporeidade é fundamental para nossa interação com o espaço, influenciando a maneira como habitamos e agimos em nosso ambiente.

Percebemos o mundo através de nossas experiências corpóreas, utilizando todos os nossos sentidos para interagir com o espaço ao nosso redor. No contexto deste trabalho, destacamos a prática do desenho de paisagens urbanas feito in loco como uma forma enriquecedora de perceber a cidade. Essa atividade envolve caminhar pelas ruas e registrar graficamente, em papel, as impressões e estímulos que afetam o corpo do desenhador ao longo de seu percurso. Entendemos que, ao observar, conhecer, interagir e se envolver com o ambiente urbano o desenhista captura não apenas a aparência visual, mas também as nuances sensoriais e emocionais da cidade.

O lápis na mão funciona como uma ponte entre a mente que imagina e a imagem que se materializa no papel. Durante o processo criativo o desenhador se torna tão absorto em seu trabalho que esquece sua própria mão e o lápis, permitindo que a imagem emerja de forma quase automática da mente imaginativa. Poderíamos até considerar que é a mão, com sua presença física no mundo real, que realmente imagina, pois ela opera no mesmo espaço, tempo e matéria em que o objeto está sendo concebido. (Pallasmaa, 2013b, p. 17).

Entendemos, inclusive, a pertinência de aproximar o desenhador in loco ao flâneur baudelairiano, o perfeito errante, o observador apaixonado que não simplesmente contempla a cidade, mas devora, degusta e experimenta toda a sua atmosfera sinesteticamente.

Dessa questão, surge o problema científico central deste estudo: como a experiência sensorial influencia a percepção da cidade através de desenhos feitos in loco? A partir dessa pergunta, definimos o objetivo de investigar o impacto das afecções sensoriais da cidade nos corpos dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de Sergipe (IFS), campus Lagarto. Ou seja, este estudo busca entender como os estímulos sensoriais urbanos, tais como sons, cheiros, texturas e visuais, afetam e influenciam a maneira como esses estudantes percebem e representam a cidade em seus desenhos.

Fundamentação Teórica: Corpo e Afetos na percepção urbana

Quando falamos em corpo, automaticamente vem-nos à mente a representação de um ser humano. A princípio queremos destacar que, apesar de parecer natural pensarmos assim, existem questões filosóficas implícitas nesse fenômeno de vermos as coisas de determinada forma. Nesse sentido, pensar em corpo sempre partindo do humano não apenas se deve ao fato de pertencermos à espécie, mas também se remete ao lugar que situamos o homem na natureza. E por que estamos levantando

tal questão? Porque, a partir dela, compreendemos o modo como nos relacionamos com as demais coisas no mundo.

Entendemos por corpo, portanto, tudo aquilo que habita um espaço, tudo aquilo que possui materialidade. Seja resultado do labor humano ou de algum fenômeno da natureza, constitui-se um corpo. “Pois, se por corpo compreendemos toda quantidade que tenha comprimento, largura e profundidade, e que seja delimitada por alguma figura definida [...]” (Espinosa, 2020, p.23). Partindo desse entendimento, o filósofo Espinosa traça alguns pontos para pensarmos sobre a importância da corporeidade na dinâmica de habitar e agir nos espaços.

O ponto primordial para avançarmos sobre a ideia de corpo é rompermos com a estrutura sedimentada que coloca o ser humano como o animal capaz de controlar e comandar todos os demais corpos da natureza. Isso nos faz reorganizar, por exemplo, o pensamento em torno dos espaços urbanos, cuja intervenção arquitetônica e construtiva tem se ocupado mais com o bem-estar e conforto das pessoas, a curto prazo, do que com os fluxos orgânicos de todo um ecossistema.

Como mais um corpo na natureza, o ser humano se relaciona com todos os outros, pois não há vida longe da cooperação. Cada corpo é constituído por milhares de outros. São bactérias, vírus e todo um complexo de microrganismos que o ocupam. Ademais, os outros corpos que surgem como parte de sua própria intervenção, também coabitam consigo. O que quer dizer que, obviamente, os efeitos das intervenções realizadas afetarão, de alguma forma, todos os corpos.

Ao seguirmos pela compreensão espinosana de que a mente é a ideia que se faz do próprio corpo, logo deduzimos que os estados de afetação produzidos também pela arquitetura vão traduzir formas de perceber os espaços, bem como interferir nos modos de ocupar, agir e pensar das pessoas.

Dessa forma faz-se importante atentarmos para as sensações que determinado ambiente nos proporciona. Como nos relacionamos com aquele espaço e com os demais corpos que ali estão? Por que ajo de dada maneira e não de outra, quando ali estou? Por que penso sobre certas questões específicas quando me encontro nesse espaço? Talvez esse exercício fique mais claro ao pensarmos em um centro urbano de um município “desenvolvido”.

O que vemos, comumente, nesse cenário é um excesso construtivo. Seja pelo porte dos prédios, desenho das fachadas, estrutura das ruas e das calçadas, tudo nos remete à imponência humana, desde o reflexo nos vidros dos prédios e veículos à robustez do concreto que separa corpos em nome da “segurança e da proteção”. Mesmo considerando tal problemática, seria possível encerrar as percepções em um padrão específico?

Mesmo entendendo que a arquitetura para além de propor padrões estéticos fixados em uma ideia representativa de homem como centro da natureza, pode avançar a partir da compreensão de que todos os elementos com os quais convivemos são capazes de nos afetar positiva ou negativamente, apostamos nas singularidades corporais para ressignificar os espaços que aí estão.

Por afetar, entendemos as modificações corporais que ocorrem à medida que nos relacionamos com todas as coisas, desde a desconfiança diante de determinadas pessoas pelo seu biotipo, que pode estar associada a uma questão preconceituosa, até a mudança postural da coluna cervical pela utilização do celular. O que nos leva a admitir que conviver é modificar-se continuamente, não somente nos aspectos físicos ou emocionais, mas também no pensamento. Pois, de acordo com a teoria espinosana, não há pensamento que não tenha sido resultado das experiências e, por conseguinte, da influência das outras pessoas sobre nós.

Aquilo que se passa pelo corpo, de alguma forma, impacta nosso modo de pensar. Surge disto, a importante discussão sobre o poder dos afetos em nos fazer permanecer em passividade ou atividade. A primeira condição está associada aos afetos tristes e a segunda aos afetos alegres. Se seguirmos pelo entendimento de Espinosa de que, quanto mais experiência tivermos, mais chances teremos de sermos afetados de muitas e variadas maneiras, a quantidade de relações estabelecidas será diretamente proporcional às chances de vivenciarmos situações afetivas. Nesse sentido, entendemos a importância da arquitetura na dinâmica corporal cotidiana.

Diante da precariedade moderna de construções que favoreçam ampla convivência entre os corpos, nas quais o humano seja tão importante quanto a arborização ou os animais, por exemplo, buscamos por possibilidades de desejar estar e apreciar os espaços, ao invés de somente passar apressadamente.

Este estudo foca, portanto, na percepção de um corpo em movimento pela cidade, evocando uma espécie de *promenade architecturale* intuitiva, no qual o ato de caminhar gera uma riqueza de experiências sensoriais. Intentamos explorar a capacidade das corporeidades de atribuir novos sentidos aos ambientes já existentes, de maneira que a espontaneidade caminhe sem pressa pelas ruas.

O observador, assim como o flâneur baudelairiano, absorve o ambiente de forma holística – olhando, cheirando, ouvindo, tocando, degustando e desenhando o que sente. Este passeio sensorial permite uma imersão profunda na cidade, capturando suas nuances através de uma prática de desenho que é ao mesmo tempo exploratória e expressiva.

O flâneur que desenha a cidade

A comparação do desenhador itinerante com o flâneur baudelairiano nos parece pertinente diante da urgente importância de reviver uma prática que, por muito tempo, foi negligenciada: o prazeroso e intencional ato de passear pela cidade, motivado por um desejo genuíno de explorar e descobrir cada espaço com intensa curiosidade.

No contexto urbano contemporâneo, onde o ritmo acelerado da vida cotidiana nos empurra a andar apressadamente, e onde as ruas são projetadas principalmente para veículos, transformando-se em passagens frequentemente inóspitas e inseguras, o interesse em observar e em perceber a cidade tem diminuído. Essa mudança de

dinâmica não apenas nos afasta de uma conexão mais profunda com o ambiente urbano, mas também empobrece nossa experiência sensorial e emocional com a cidade. Reviver a prática de um passeio atento de um flâneur moderno pode reavivar nossa capacidade de perceber plenamente o espaço.

Segundo Walter Benjamin, o flâneur entende a rua como sua moradia, entre as fachadas dos prédios. Nela, ele “sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes” (Benjamin, 1994, p. 35). É o perfeito errante, o observador apaixonado, é o “abandonado na multidão” (1994, p. 51). Aquele que se sente à vontade ao estar por toda a parte, é um corpo entre muitos outros corpos.

Em *O Pintor da Vida Moderna*, Charles Baudelaire (1993) descreve um artista anônimo que prefere ser visto como o “homem do mundo”, uma figura que ultrapassa a definição tradicional de um artista. Este “homem do mundo” é um atento observador da cidade e de seus detalhes mais sutis, muitas vezes despercebidos pela maioria. Ele se mistura à multidão, capturando a essência da vida urbana. Baudelaire descreve essa figura como alguém “espiritualmente em estado de convalescência”, semelhante a uma criança que se encanta com cada aspecto do mundo ao seu redor, até mesmo os mais triviais.

Esse termo convalescência, nos chamou bastante a atenção, pois a atividade do desenhador *in loco*, que chamamos aqui de sketcher, visa desenvolver esse estado de curiosidade e encantamento ao explorar suas percepções das ruas da cidade. É preciso ser convalescente.

Ora, a convalescência é como uma volta à infância. O convalescente goza do mais alto grau, como a criança, da faculdade de se interessar vivamente pelas coisas, mesmo pelas mais triviais em aparência. [...] A criança vê tudo como novidade; está sempre embriagada. Nada se parece mais com o que chamamos de inspiração do que a alegria com a qual a criança absorve a forma e a cor. (Baudelaire, 1993, p. 223)

Para registrar através de um traço ou esboço uma percepção do ambiente ao redor é necessário, segundo o autor, um estado de convalescência. Por isso, aproximamos o desenhador itinerante do “homem do mundo”, do flâneur baudelairiano. O sketcher é aquele que deambula pela cidade, observando e exercitando uma percepção atenta. Ele se encanta com os detalhes e se recusa a deixar que a sutileza das paisagens urbanas passe despercebida. “A curiosidade tornou-se uma paixão fatal, irresistível!” (Baudelaire, 1993, p. 223).

O sketcher ao desenhar, captura a essência do que vê e sente, não apenas registrando a aparência, mas também a experiência sensorial e emocional do espaço. Dessa forma, assim como o flâneur, o desenhador itinerante celebra a riqueza das pequenas coisas e se envolve profundamente com o mundo ao seu redor. Delicia-se em captar a beleza efêmera e os detalhes cotidianos da cidade, revelando uma profunda sensibilidade e um renovado fascínio pelo ambiente urbano que o cerca.

Para estudarmos esse comportamento do sketcher/flâneur observamos um grupo de desenhadores em plena atividade de percepção do ambiente construído através

do desenho no local, sem o auxílio de fotografias. Essa dinâmica se inspirou em um movimento mundialmente conhecido por *Urban Sketchers* (USk), uma comunidade global de artistas e aficionados comprometidos com a prática do desenho feito in loco, unidos pela paixão de registrar graficamente os lugares onde vivem ou por onde passam. Estes capturam e compartilham suas experiências urbanas desenhadas, um desenho de cada vez. (Valgas, 2019, p. 1235).

Entendemos que a figura do flâneur encontra um paralelo enriquecedor no sketcher urbano, especialmente quando vista à luz da teoria de Juhani Pallasmaa sobre a percepção sensorial na arquitetura. Pallasmaa (2011) defende que a interação com o ambiente construído deve envolver todos os sentidos, não se limitando apenas à visão. Ele enfatiza a importância da hapticidade, onde a conexão tátil e emocional com o espaço propicia uma relação mais profunda e significativa entre o indivíduo e o local habitado. Assim, tanto o flâneur quanto o sketcher se engajam com a cidade de maneira multissensorial, capturando a essência do lugar através de uma experiência corpórea, completa e envolvente.

Alguns pesquisadores contemporâneos seguem essa mesma linha conceitual. Botasso, Tiberti e Vizioli (2021), por exemplo, observam que a percepção não é apenas uma representação fiel do real, mas é alimentada pelas condições específicas de tempo e lugar. Pallasmaa critica a tendência moderna na arquitetura de priorizar a estética visual e sugere que a verdadeira experiência arquitetônica deve ser plástica e espacial, englobando a existência humana (Pallasmaa, 2011).

Desta maneira, entendemos que o conceito de Pallasmaa de hapticidade, que se refere à sensação tátil e cinestésica experimentada ao interagir com o ambiente construído ou com outros corpos, é fundamental para uma compreensão completa da arquitetura. Ele sugere que essa abordagem nos conecta de maneira íntima e profunda com o espaço, proporcionando uma experiência sensorial significativa (Megalomatidis, 2017).

Ao alinharmos esses conceitos com o movimento USk que, segundo Valgas (2019), promove o desenho in loco como uma forma de explorar e registrar os espaços urbanos com maior afinidade, podemos produzir representações mais ricas e envolventes da cidade, capturando não apenas sua aparência visual, mas também sua essência sensorial.

Procedimentos Metodológicos

Para investigar como a experiência sensorial influencia a percepção da cidade por meio de desenhos realizados *in loco*, este estudo adota uma abordagem qualitativa com foco na análise interpretativa de dados visuais e textuais. O campo empírico se constituiu a partir de atividades desenvolvidas com estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo do IFS, campus Lagarto, matriculados na disciplina Plástica 2, no segundo semestre do curso.

Para atingirmos nosso objetivo central de investigação, traçamos ações para que os participantes pudessem compreender como os estímulos sensoriais, incluindo sons, cheiros, texturas, luminosidade e temperatura, afetam e moldam a percepção urbana e sua tradução gráfica pelos estudantes. A fundamentação metodológica baseia-se na abordagem qualitativa (Lakatos e Marconi, 2002), e no método de análise da psicogeografia, de Guy Debord, que orienta a observação dos resultados emocionais e psíquicos na percepção arquitetônica e urbanística da cidade (Gonçalves, 2019).

A primeira etapa consistiu na seleção dos participantes, todos com familiaridade básica com a prática de desenho *in loco*, adquirida nas primeiras disciplinas do curso. A participação foi voluntária, mediante convite em sala de aula, e contemplou um grupo diverso em termos de gênero e repertório sensorial.

Foram realizados dois encontros de campo em espaços urbanos da cidade de Aracaju, em Sergipe, no mês de dezembro de 2023. O primeiro ocorreu na Praça Fausto Cardoso, localizada no centro histórico, durante o dia, e o segundo, à noite, durante um evento musical no Museu da Gente Sergipana. Ambos os contextos foram escolhidos por suas distintas atmosferas sensoriais (Figura 1).

Para as atividades, os estudantes receberam orientações prévias que os convidavam a perceber a cidade com o corpo inteiro, na tentativa de explorarem todos os sentidos no momento em que desenhavam. A proposta se fundamentou na ideia de que o desenho não fosse apenas uma reprodução visual, mas uma expressão das afecções corporais e sensoriais despertadas pelo lugar.

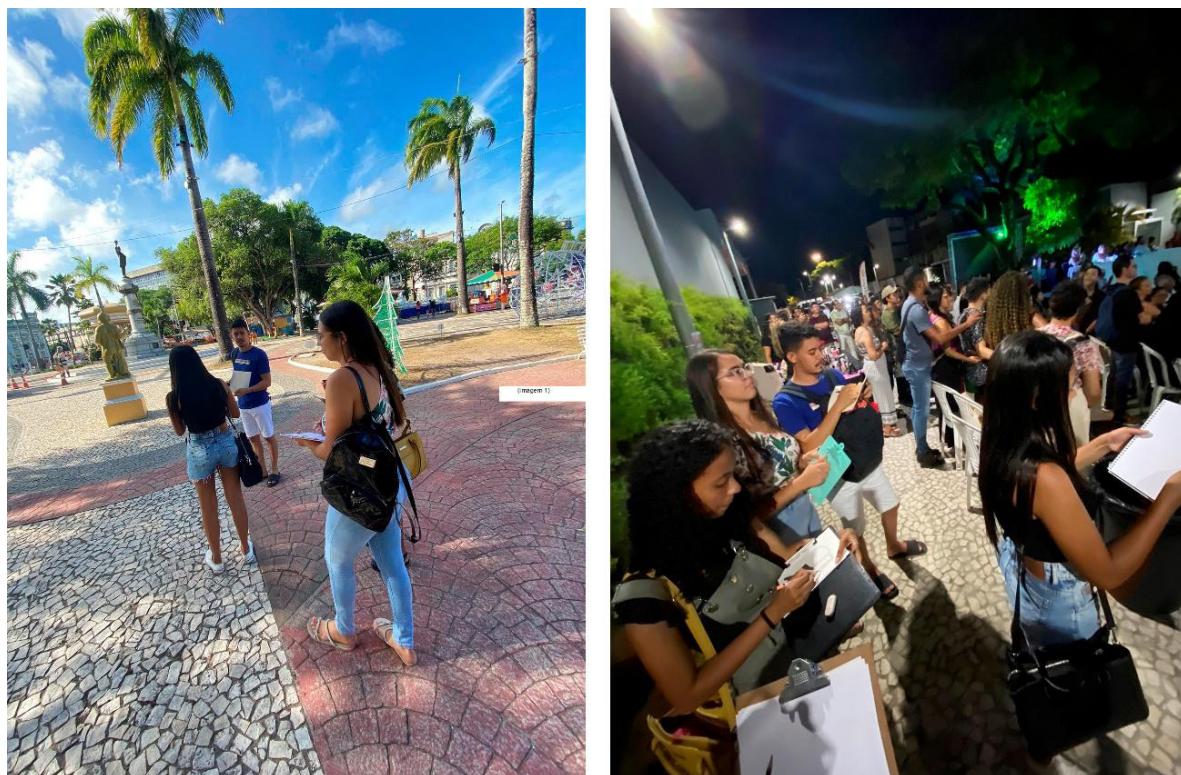


Fig. 1. Márcio Santos Lima. Na esquerda, alguns estudantes explorando a Praça Fausto Cardoso e na direita, desenhando no Festival de Música. 2023. Fotos registradas com smartphone, Aracaju – SE. Fonte: Acervo dos autores.

Ao final de cada encontro, os estudantes responderam a um questionário *on-line* contendo questões abertas sobre suas experiências durante a atividade. As perguntas foram formuladas para identificar os sentidos mais ativados, as sensações e afecções percebidas, os desafios enfrentados e os aprendizados decorrentes da experiência. Também se buscou captar como os elementos sensoriais influenciaram diretamente as escolhas gráficas e compositivas de seus sketches.

A análise dos dados foi conduzida em duas etapas: primeiro, a leitura e interpretação dos esboços produzidos, com atenção às formas, traços, composições e modos de expressão que indicam respostas sensoriais ao ambiente urbano; e, segundo, a análise textual dos depoimentos por meio de cinco categorias principais: afetos e emoções emergentes; sentidos ativados; contribuições do desenho *in loco*; dificuldades enfrentadas; e habilidades desenvolvidas. A abordagem psicogeográfica permitiu identificar não apenas os conteúdos explícitos dos relatos, mas também as emoções e sentimentos despertados pela prática do desenho na percepção sensorial da cidade.

Essa metodologia permitiu construir uma leitura densa da experiência sensível na cidade articulando corpo, espaço e linguagem visual. A combinação entre produção gráfica e narrativa reflexiva revelou a potência do desenho como meio de perceber, pensar e experienciar a cidade de forma expandida.

Análises e resultados

A análise psicogeográfica dos desenhos revela não apenas escolhas por elementos arquitetônicos recorrentes, como coretos e monumentos em certas praças, mas também a intensidade com que essas formas urbanas afetam os observadores. Seja pela sua imponência formal, pela carga memorial que carregam ou pelas ressonâncias emocionais que despertam, essas tipologias atuam como pontos de convergência afetiva no tecido da cidade.

Essas diferentes configurações espaciais e funcionais não apenas organizam a paisagem urbana, mas também moldam as experiências e os fluxos de desejo que a atravessam, refletindo a sedimentação histórica, a organização do território e as dinâmicas de ocupação (Figura 2). Pode-se formular, a partir dessa observação, a seguinte questão: quais áreas da cidade parecem evocar sentimentos ou atmosferas particulares?

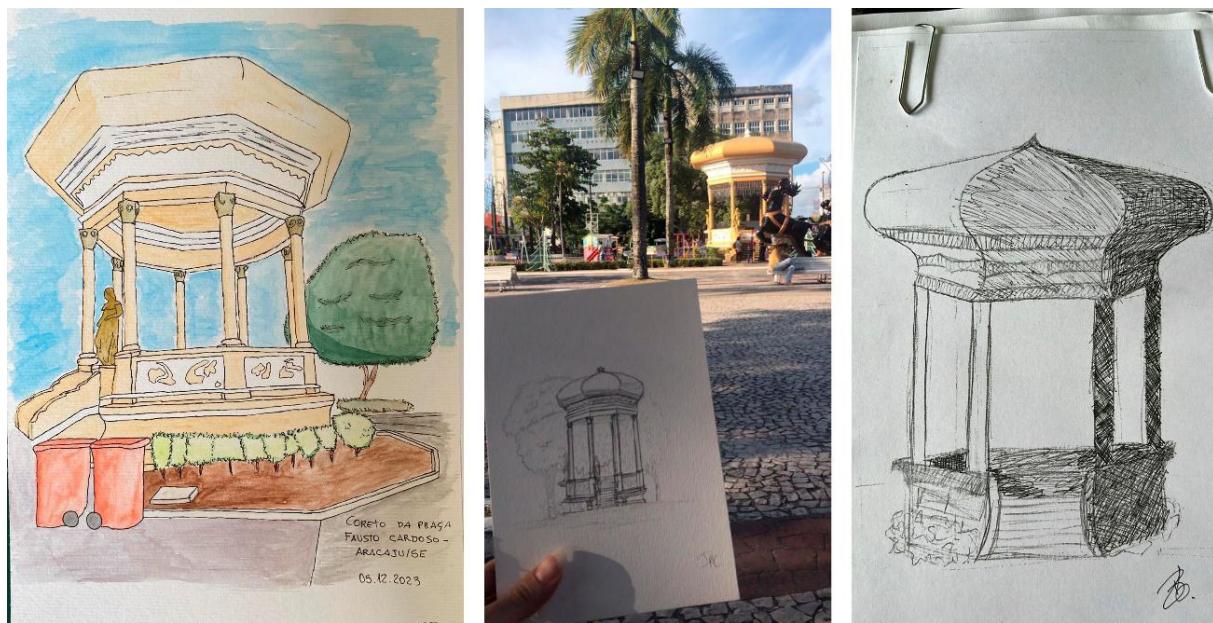


Fig. 2. Márcio Santos Lima. A preferência por representar coretos foi percebida em alguns dos desenhos in loco. 2023. 2023. Montagem de fotos registradas com smartphone, Aracaju – SE. Técnica representada nos croquis: caneta nanquim e aquarela sobre papel Canson A4 (21 × 29,7 cm) e sobre sketchbooks. Fonte: Acervo dos autores.

Entretanto, a cidade não se revela apenas em seus marcos fixos. Outros temas presentes nos desenhos capturam as afecções emergentes dos encontros com o ambiente urbano. A agitação incessante do trânsito com sua profusão de ruídos, emanações e movimentos frenéticos, contrasta com a aparente impassibilidade das fachadas, que parecem alheias ao pulsar da vida na praça. Essa justaposição evoca a complexidade das forças que coexistem no espaço urbano, tensionando a experiência individual (Figura 3).

Outro ponto observado foi a emergência do tema natalino, impulsionado pela atmosfera sazonal da Praça devido ao mês de dezembro. Isso ilustra como momentos específicos e atmosferas temporárias podem inscrever marcas afetivas na memória dos passantes, motivando a exploração artística.



Fig. 3. Márcio Santos Lima. A rua, o movimento, o trânsito e as fachadas foram temas mais abrangentes na percepção sensorial da cidade a partir dos desenhos. 2023. Montagem de fotos registradas com smartphone, Aracaju – SE. Técnica representada nos croquis: caneta nanquim e aquarela em sketchbooks. Fonte: Acervo dos autores.

No segundo encontro, a experiência de desenhar à noite, imerso na atmosfera vibrante do IFSTAR, festival de música realizado no Museu da Gente Sergipana, promovido pelo IFS, oferece um exemplo potente de como um evento pode reconfigurar a percepção do espaço e intensificar as emoções. Os desenhos produzidos durante as apresentações musicais não são meros registros visuais, mas sim a materialização de sentimentos de prazer, emoção, encantamento, beleza e, sobretudo, de uma intensa conexão social.

A imersão sensorial no ambiente musical, permeada por risadas, descontração e trocas de experiências, catalisou a potência criativa dos participantes, contagiando inclusive a plateia que, curiosa observava, paralelamente ao show, a produção artística do grupo. Esses desenhos se tornam, assim, cartografias afetivas daquele momento específico, capturando a expressividade dos artistas e a energia contagiosa do encontro (Figura 4).



Fig. 4. Márcio Santos Lima. O encontro à noite no Festival de Música rendeu desenhos com grande representação expressiva. 2023. Fotos registradas com smartphone, Aracaju – SE. Técnica representada nos croquis: caneta nanquim e marcadores sobre papel Canson A4 (21 × 29,7 cm) à esquerda e nanquim e pastel seco em papel craft. Fonte: Acervo dos autores.

No segundo momento de análise dos dados coletados, dessa vez por meio dos questionários pós-encontros, revelou-se uma diversidade de percepções, afetos e aprendizados relacionados à experiência sensorial do desenho *in loco*. As respostas foram organizadas em cinco categorias principais: afetos e emoções emergentes; sentidos ativados; contribuições do desenho *in loco*; dificuldades enfrentadas; e habilidades desenvolvidas. Essa categorização permitiu compreender de forma mais precisa como o corpo sensível dos estudantes se relaciona com o ambiente urbano através da prática do desenho.

1. Afetos e emoções emergentes

As experiências relatadas foram marcadas, predominantemente, por afetos positivos. Os participantes expressaram entusiasmo, surpresa e prazer ao realizar os desenhos fora do ambiente acadêmico convencional. Termos como “experiência nova”, “prazerosa” e “libertadora” foram recorrentes. Um estudante comentou: “Uma experiência nova que me surpreendeu positivamente”, enquanto outro afirmou: “Gostei e irei fazer mais vezes”. Essas falas demonstram a potência da atividade em ativar afetos alegres, conforme a concepção espinosana, que ampliam a capacidade de ação e o envolvimento com o ambiente.

No entanto, também foram identificadas algumas expressões de desconforto ou frustração, como “Não consegui realizar bons desenhos” ou “No início estava com dificuldade em focar”, indicando que a vivência fora do espaço protegido da sala de aula pode provocar insegurança e autocritica. Ainda assim, esses afetos, mesmo quando desafiadores, compõem o campo de forças que molda a experiência estética e formativa do desenho sensível.

2. Sentidos ativados no processo de desenho

A atividade despertou nos participantes uma percepção multissensorial da cidade. Embora a visão permaneça como sentido predominante, evidenciada em frases como “Observei diversas formas, cores, tamanhos”, os desenhadores destacaram também a audição e o tato como importantes na construção da experiência. Os sons do ambiente, como música, conversas e o barulho da cidade, foram mencionados com frequência: “Barulho de pessoas conversando, músicas natalinas”. O tato apareceu em relação à sensação física dos materiais e texturas percebidas durante o desenho: “A textura dos objetos me ajudou no desenho”.

Esse envolvimento multissensorial aponta para uma prática perceptiva ampliada, como propõe Juhani Pallasmaa (2011), ao criticar a primazia da visão na arquitetura e no ensino do desenho. A ativação de múltiplos sentidos revelou-se fundamental para enriquecer a experiência espacial e gráfica dos estudantes.

3. Contribuições do desenho *in loco*

A prática do desenho sensível proporcionou aos participantes uma série de descobertas relacionadas à observação e ao pertencimento do espaço. Muitos destacaram a ampliação da atenção aos detalhes e a percepção de elementos urbanos antes ignorados: “Observei pontos que talvez não tivesse visto caso estivesse passando apenas pelo local”. A conexão emocional com o espaço também foi enfatizada: “Um misto de sensações que o ambiente traz” e “Uma sensação de liberdade”.

Essa aproximação sensível com o entorno contribuiu não apenas para o aprimoramento técnico do desenho, mas também para o desenvolvimento de uma relação mais afetiva e imersiva com a cidade. O ato de desenhar, neste contexto, torna-se um meio de estar no mundo com o corpo inteiro, vivenciando o espaço urbano de forma ativa e subjetiva.

4. Dificuldades relatadas

Apesar dos aspectos positivos, a experiência também evidenciou obstáculos que impactaram a prática do desenho. Entre os desafios relatados, destacam-se os fatores ambientais, como calor, vento e ausência de sombra, e as condições físicas dos espaços: “Faltou local para se sentar com conforto”, “Estava quente demais, e não havia sombra para desenhar”.

Além disso, questões relacionadas à exposição pública foram mencionadas, como o incômodo de ser observado durante o momento em que desenha: “Receio diante dos olhares das pessoas”. Tais elementos revelam o confronto entre o corpo

sensível e o espaço urbano nem sempre acolhedor, exigindo dos estudantes uma negociação constante entre atenção, desconforto e foco.

5. Habilidades desenvolvidas

Mesmo diante das dificuldades, os participantes reconheceram ganhos significativos com a atividade. Foram mencionadas habilidades como maior capacidade de observação, desenvolvimento da coordenação motora e liberdade na expressão gráfica: “Percebi uma melhora no meu traço”, “Aprendi a desenhar mais livremente”. Também houve destaque para a construção de uma percepção mais integrada do espaço: “Consegui entender melhor o lugar através da experiência”.

Essas aprendizagens indicam que a experiência sensível promove não apenas aprimoramento técnico, mas também a ampliação da consciência corporal e perceptiva, fundamentais para a formação de seres sensíveis, e de arquitetos e/ou profissionais capazes de ler e interagir com a complexidade urbana.

Considerações finais

A investigação realizada demonstra inequivocamente o potencial transformador do desenho *in loco* quando orientado por uma abordagem sensível e multissensorial. Ao deslocar os estudantes de Arquitetura e Urbanismo para a experiência direta com a cidade, a prática supera a mera observação visual, promovendo um encontro visceral do corpo com o espaço urbano através dos sentidos, dos afetos e de uma escuta atenta às suas múltiplas camadas.

A análise dos dados revela que a percepção, embora inicialmente dominada pelo visual, é profundamente enriquecida pela ativação da audição e do tato, expandindo o repertório perceptivo dos participantes para além da superfície. Os afetos, predominantemente positivos, atuam como mediadores essenciais na relação entre sujeito e espaço. O desenho sensível emerge, assim, não apenas como um instrumento de registro, mas como uma forma de presença engajada, de afetação mútua e de elaboração subjetiva do ambiente, desvendando as ressonâncias emocionais que o espaço irradia.

Contudo, as dificuldades relatadas lançam luz sobre as tensões inerentes à experiência urbana e à própria prática do desenho. O desconforto físico e o incômodo da exposição revelam as assimetrias de poder e as condições materiais que moldam a vivência da cidade, tensionando a relação entre o corpo que explora e o espaço explorado. Essa constatação reforça a necessidade de preparar os estudantes para uma prática que não apenas integra técnica e sensibilidade, mas que também desenvolve uma postura de resistência crítica diante das imposições e dos constrangimentos do ambiente urbano.

Conclui-se que o desenho sensível, compreendido como prática pedagógica e investigativa alinhada a uma perspectiva psicogeográfica, amplia fundamentalmente a capacidade de percepção, expressão e envolvimento dos futuros arquitetos com a cidade. Ao valorizar o corpo e os sentidos como ferramentas de conhecimento ativo, essa abordagem contribui para formar profissionais mais sintonizados com a complexidade multifacetada do espaço urbano e mais abertos à multiplicidade, sobretudo às políticas da experiência arquitetônica. Trata-se de um passo inicial para uma leitura da cidade que questione as narrativas hegemônicas e explore as geografias emocionais e os fluxos de desejo que a atravessam, capacitando os futuros arquitetos a intervir de forma mais consciente e engajada no tecido urbano.

Diante dessas constatações, emerge uma questão fundamental para futuras investigações: de que maneiras as metodologias de desenho *in loco*, sob a perspectiva dos princípios da psicogeografia, podem ser sistematicamente integradas aos currículos de Arquitetura e Urbanismo para cultivar uma prática profissional mais empática, crítica e engajada com as múltiplas realidades urbanas, capacitando os futuros arquitetos a serem verdadeiros cartógrafos das experiências e dos desejos que moldam as cidades em que vivemos?

Referências

BACHELARD. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAUDELAIRE, Charles. **Obras estéticas**: filosofia da imaginação criadora. Trad. Edison Darci Heldt. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas. Vol. III. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Editora brasiliense, 1994.

ESPINOSA, Benedito. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GONÇALVES, Glauco Roberto. A deriva e a psicogeografia e suas possibilidades para os trabalhos de campo em Geografia Urbana. **Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 13, n. 3, dez./2019, p. 100 – 111

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5^a edição, São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003.

MEGALOMATIDIS, Dimitrius Marques. **A experiência sensorial na arquitetura através do Inferno de Dante**. (TFG) São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017. Disponível em: <<https://issuu.com/dimimegalomatidis/docs/monografia>>. Acesso em: 09 jan. 2024.

PALLASMAA, Juhani. **A imagem corporificada**: imaginação e imaginário na arquitetura. Trad.

Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013a.

PALLASMAA, Juhani. **As mãos inteligentes:** a sabedoria existencial e corporalizada na arquitetura. Trad. Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013b.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele:** a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

VALGAS, Paulo Henrique Tôrres. Urban Sketchers: o desenho e o olhar. **Encontro de História da Arte**, Campinas, SP, n. 14, p. 1226–1236, 2019. DOI: 10.20396/eha.vi14.3452. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3452>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

VIZIOLI, S. H. T.; SEGNINI TIBERTI, M.; BRAULIO BOTASSO, G. Diálogos entre Arquitetura e Fenomenologia: do Moderno ao Pós-Moderno. **Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 39–50, 2021. DOI: 10.21680/2448-296X.2021v6n3ID23390. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/23390>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Submissão: 21/06/2025

Aprovação: 16/12/2025